



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**BYANCA BEATRIZ ALVES DE ARAÚJO
[BYANCA BRASIL]**

(entrevista)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-829

Entrevistada: Byanca Beatriz Alves de Araújo (Byanca Brasil)

Nascimento: 23/11/1995

Local da entrevista: Hotel Laghetto - Porto Alegre, RS

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 05/12/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 49 segundos

Páginas Digitadas: 15

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Receptividade dos familiares; Trajetória como jogadora; Clubes de atuação; Saída de casa para jogar futebol; Convocação para a Seleção; Copa Libertadores da América; Sustento através do futebol; Objeto pessoal que retrata trajetória; Ingresso no Sport Club Internacional.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2017. Entrevista com Byanca Beatriz Alves de Araújo [Byanca Brasil] a cargo da pesquisadora Suellen Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. - Byanca, primeiramente muito obrigada por estar cedendo um pouquinho do teu tempo para esta entrevista e eu queria começar te perguntando como é que o futebol surgiu na tua vida? Como é que tu iniciou?

B.A. - Do nada. Foi do nada mesmo, eu fazia atletismo e estava na pista de atletismo e tinha um campo no meio da pista, aí a bola caiu na pista e eu fui chutar, eu chutei a bola para o menino e depois disso eu falei para o meu pai que eu queria ser jogadora de futebol. Falei que se eu fizesse atletismo seria por ele e que o meu sonho mesmo era ser jogadora de futebol. E ele falou: “Mas como você quer ser jogadora se você nunca jogou bola?” [riso]. Do nada eu falei isso para ele. Eu comecei a assistir as Olimpíadas e falei que queria ser igual a Marta¹ e a Cristiane². Então ele começou a pegar vídeos na Internet, começou a pegar algumas coisas que ele já tinha assistido os caras jogando e começou a me ensinar. O primeiro drible que eu aprendi foi a “lambreta”, elástico, essas coisas e comecei a ter gosto pelo futebol e estou até hoje.

S.R. - Tu lembra quantos anos tu tinha nessa época?

B.A. - 9 para 10 anos.

S.R. - E fora o teu pai, como foi a reação dos outros familiares quando tu optou por jogar futebol?

B.A. - A minha mãe até hoje acho que ela não entende porque eu estou jogando bola, mas ela sempre respeitou. Ela não conhece muito futebol, ela não entende muito de futebol, mas ela fica feliz, ela sabe que eu sou jogadora e é isso. Acho que ela sabe que eu sou atacante, porque eu faço gol [risos] e é isso. Ela torce muito, sempre torceu muito, sempre fez rifa, fez

¹ Marta Vieira da Silva.

² Cristiane Rozeira de Souza Silva.

tudo para conseguir comprar uma chuteira para mim, para eu conseguir ter as coisas, poder viajar com o time, ela sempre fez de tudo, mas ela não entende muito de futebol, ela sempre apoiou.

S.R. - Tu nunca teve nenhuma resistência familiar então?

B.A. - Não, na família não. Teve gente que não acreditou com certeza, mas resistência não.

S.R. - E qual foi o primeiro clube na tua trajetória como jogadora?

B.A. - Foi a rua... [riso] Não, mentira...

S.R. - Sim, sim, serve também [riso].

B.A. - Comecei na rua com os moleques com certeza e depois fui fazer um teste no Vasco³, no *society*⁴. Eu cheguei lá não fui muito bem e fui reprovada. A mulher falou que não dava porque a competição já ia começar, então meu pai pediu para ela um mês e no outro mês se ela podia fazer o teste de novo comigo. Meu pai me treinou de manhã, de tarde e à noite, te juro, foi isso, um mês inteiro, de manhã, de tarde e à noite, mas coisinha de vinte minutos, só o básico, ele começou a me treinar... A única coisa que ele me pediu e até hoje me pede é nunca desistir e deixar de acreditar em mim mesma. Então eu fui para outro teste, já estava tremendo a perna, cheguei lá e acho que foi o melhor teste da minha vida. Passei, ela quis me dar cone, bola para eu continuar treinando, falou que eu fui muito bem, já me inscreveu na competição, ai foi na competição... Acho que se chama Copa Disney⁵, Copa Kids e era Copa Jets⁶ antes, ai a gente jogou o Campeonato Carioca que era a primeira competição lá no Rio⁷, depois fomos para o Brasileiro. Vencemos também e fomos para o Mundial, ficamos em segundo, perdemos para o México na final.

S.R. - Que legal. Onde que foi esse Mundial?

³ Club de Regatas Vasco da Gama

⁴ Futebol *Society*.

⁵ Campeonato de Futebol organizado pela Disney em parceria com a Conmebol e CONCACAF.

⁶ Campeonato de futebol disputado por crianças entre 10 e 12 anos.

⁷ Rio de Janeiro.

B.A. - O Mundial foi no Brasil mesmo, foi lá na Costa do Sauípe⁸, Bahia. Foi da hora, foi muito louco.

S.R. - E a partir do Vasco?

B.A. - Voltei para o Rio depois dessa competição, continuei com essa mesma treinadora, joguei no Vasco. Aí quando eu completei acho que uns 13 anos eu cheguei a fazer teste no Santos⁹, passei no teste, só que eu não podia ficar porque não tinha idade...

S.R. - Só um parêntese... No Vasco era escolinha?

B.A. - Era...

S.R. - Era escolinha, mas seleção assim...

B.A. - Era.

S.R. - E não conseguiu ficar no Santos?

B.A. - Ah, não tinha idade.

S.R. - Caramba...

B.A. - Não tinha idade para fazer nada lá, não podia nem ir no banheiro sozinha [riso], meio que eu tive que voltar, aí voltei para o Rio, aí joguei o Carioca sub-15 com... Acho que eu tinha uns 13 anos, por aí, quase completando 14... Ai joguei pelo Vasco, joguei pelo Bangu¹⁰, joguei pelo Botafogo¹¹, joguei... Fui rodando lá o Rio, cada mês eu estava em um, assim jogando, ai fui campeã pelo Carioca sub-15, sub-17 também, depois joguei o sub-20 pelo Botafogo, depois que sai de lá.

⁸ Distrito do município de Mata de São João, no litoral norte do estado da Bahia.

⁹ Santos Futebol Clube.

¹⁰ Bangu Atlético Clube.

¹¹ Botafogo de Futebol e Regatas.

S.R. - Tu é natural do Rio, Byanca?

B.A. - Sim.

S.R. - Depois tu foi para onde?

B.A. - Antes de ir para a Seleção Sub-20, com 14 anos eu fui para o Foz¹², fiquei seis meses lá, acho que ali foi... Separou a menininha da mulher, acho que ali eu comecei a entender o que era o futebol, que era o timaço que tinha lá em 2012. Tinha a Renata Costa¹³, tinha a Nenê¹⁴, Moretti¹⁵, Bruna Benites¹⁶, Andressa Alves¹⁷, eram as “fodas”, para mim era o melhor time que eu vi jogar e eu acho que eu peguei a melhor fase de todas elas. Acho que é por isso que eu tenho muito carinho de lembrar disso e elas me acolheram muito bem, eu não ia jogar porque eu não tinha idade, eu não poderia jogar, mas eu poderia... Eu estava treinando com elas e pegando a experiência delas e hoje a Renata me chama de filha, porque ela... Meio que todo mundo falava que eu era parecida com ela porque eu era fortinha e hoje ela me chama de filha. Eu tenho a maior honra disso e eu acho que, como eu falei, separou a menina Byanca da mulher, porque eu vi que ali era o caminho. Como eu falei, se eu continuasse no Rio pelas minhas amizades que eu tenho até hoje ou eu ia continuar bebendo, eu ia beber junto com elas, porque todo mundo bebe lá agora, todo mundo fuma, todo mundo vive na balada e eu fui a única que todo mundo fala que graças a Deus que eu sai do Rio de Janeiro. Se não seria mais uma lá que estariam falando: “Nossa, um puta futuro largou por causa de bebida.” Porque acho que tem muitas lá que é assim. E lá no Foz eu aprendi isso, as meninas bebiam, mas só que não deixavam nem eu abrir a latinha elas deixavam e aí acho que isso me fez pensar, eu falei: “Mano, se eu não bebi lá junto com as minas, porque eu vou beber aqui no Rio?” E eu passei mais uns anos aqui no Rio e até hoje eu nunca bebi.

S.R. - Nunca abriu uma latinha [riso]?

¹² Foz do Iguaçu Futebol Clube.

¹³ Renata Aparecida da Costa [Kóki]

¹⁴ Adriane dos Santos.

¹⁵ Daiane Moretti.

¹⁶ Bruna Beatriz Benites Soares.

¹⁷ Andressa Alves da Silva.

B.A. - Não, abri a latinha eu já abri, porque me pediram, mas até hoje eu nunca bebi.

S.R. - Que legal. E como é que foi essa saída de casa com 14 anos, é isso?

B.A. - Sempre senti vontade, eu falo que eu me adapto muito fácil nos lugares e sempre senti vontade de... Esse era o meu sonho então eu sabia que se eu ficasse sofrendo isso só ia atrapalhar e eu sabia que minha família ia continuar ali me apoiando, porque sempre quando eu tive dentro de casa sempre me apoiavam. Então não seria por isso que eles não iriam me apoiar longe, eu sempre fui bem tranquila com isso, claro que dói um pouco, mas sempre fui tranquila com isso.

S.R. - E como e quando aconteceu tua primeira convocação da primeira Seleção Brasileira?

B.A. - Com 15 anos, depois que eu sai do Foz, não durante o Foz eu estava sendo convocada para o Sub-17.

S.R. - Já tinha Sub-17?

B.A. - Sim. Fui convocada, para variar a primeira convocação foi uma “bosta”, eu não sabia nem o que eu estava fazendo naquele lugar. Eu juro para você, eu ficava olhando tudo, eu falava: “Estou na Granja¹⁸, o que está acontecendo?” Passa um filme na cabeça, eu não tinha vivido nada, não podia falar que passou um filme para a cabeça de tudo o que eu vivi, não vivi nada, tinha 15 anos e... Aí o treinador me chamou, porque ele já me conhecia, pelas competições do Vasco, aí ele falou “Eu vou te dar mais uma oportunidade, aí na próxima convocação você traz a Byanca porque ela não veio nessa convocação.” [risos] Eu falei: “Nossa senhora!” Depois daí eu meio que dei uma relaxada, e consegui, aí joguei o Sul-americano, joguei o Mundial pelo Sub-17, aí depois teve a convocação na Sub-20 também, joguei o Sul-Americano, o Mundial, depois teve uma na principal...

S.R. - Vamos falar um pouquinho de cada um, esse Mundial da Sub-17¹⁹ onde foi?

B.A. - No Azerbaijão.

¹⁸ Granja Comary, centro de treinamento da Seleção Brasileira de Futebol.

¹⁹ Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-17 de 2012.

S.R. - Nossa, um dia da tua vida tu imaginou visitar um país desses?

B.A. - Não imaginei nem sair do Rio de Janeiro, imagina sair para o Azerbaijão, cara lá é... Mas é um local da hora, é diferente.

S.R. - E como é que foi? Como é que foram?

B.A. - Primeiro jogo a gente tomou de 5 x 0. Falei: “Gente, quero ir embora.” Tomamos de cinco para o Japão, nem vimos a cor da bola, até hoje eu não sei onde está a bola. Depois fui para o banco na segunda partida, entrei faltando uns vinte minutos e fiz o gol da classificação. Ali foi da hora, de esquerda ainda, a bola foi na “gaveta”, nunca mais faço aquele gol [risos]. Acho que foi um lugar muito marcante para mim, porque eu fui para o banco, depois entrei na partida, dei a “lambreta”, antes de fazer o gol estava 0 x 0. Essa foi a primeira e famosa “lambreta”, essa foi loucura, nem eu acreditei que eu dei aquela “lambreta” gente. O jogo estava empatado, tinha que classificar fazendo um gol, se empatasse era elas, passamos para as quartas de finais, jogamos contra a Alemanha e perdemos, é a melhor escola que tem, não tinha que fazer. Perdemos para a Alemanha e foi isso. Aí na Sub-20 o Sul-Americano²⁰ foi no Uruguai e o Mundial²¹ foi no Canadá bem louco também.

S.R. - Que show.

B.A. - Foi da hora, mas perdemos também para a Alemanha. Alemanha está sempre perseguindo gente, o que está acontecendo [risos]...

S.R. - Uma hora a gente sempre encontra a Alemanha, não é? [risos]

B.A. - No final de tudo sempre tem a Alemanha.

S.R. – E a convocação para a seleção principal como é que foi?

²⁰ Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino Sub-20.

²¹ Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino Sub-20.

B.A. - Inesperada. Eu lembro que estava fazendo... A Leidi²² estava comigo... Eu estava fazendo... Eu sempre faço um papelzinho com os meus objetivos do ano e eu coloquei neles, “ser convocada para a seleção principal” estava lá em primeira e os outros objetivos de sempre de jogadora. Em janeiro, pisei no Corinthians²³, treinei algumas semanas... “Pá” convocação, Byanca...

S.R. - Foi nesse ano?

B.A. - Falei: “Gente, o que está acontecendo?” Eu pedi isso, mas eu estava esperando lá para dezembro... [risos]

S.R. - Não assim agora...

B.A. - Aí eu já estava louca, mas era coisa de uma semana e pouco eu acho lá na Granja com a Emily²⁴. Foi uma experiência boa, para mim uma das melhores que pisou lá, com certeza a Emily, a mais certa! Assim, hoje em dia eu não tenho vontade de ir para a Seleção, de verdade, não sinto mesmo. Se eu fosse convocada hoje eu falaria que eu não quero ir, eu não sinto vontade nenhuma para ir para a Seleção pela sacanagem que é, entendeu? Você ver jogadoras que estão a dois anos sem jogar bola e convocada para a Seleção sendo que eu venho jogando todos os campeonatos esse ano e não sou convocada, por quê? Entendeu? Isso que não entra na minha cabeça, não é nem pensar que eu sou a melhor, tem outras melhores, com certeza, são jogadoras que eu admiro, se eu não estivesse indo por causa de Andressa Alves, por causa de Cristiane, beleza, são jogadoras experientes, mas ver jogadoras que não estão nem ai para o futebol, só vivem na cachaça ai vai para a Seleção Brasileira... Para mim eu já perdi a vontade de ir para lá pela sacanagem que é e porque eu tenho certeza que não vai ganhar nada.

S.R. - É complicado. Como é que tu viu a saída da Emily?

B.A. - Todo mundo falava que ela não gostava muito de mim cara, pelo meu jeito de jogar e tal, mas ela me convocou. Então alguma coisa tinha, mas só que eu sempre gostei do estilo

²² Leidiane Machado Cardoso.

²³ Sport Club Corinthians Paulista.

²⁴ Emily Alves da Cunha Lima.

dela, a postura dela, como ela sabe lidar e é mulher. A gente fica mais à vontade, não adianta a gente falar que não fica, mas a gente fica mais à vontade com mulher e a postura dela na Seleção ela não mudou, pelo o que ela era lá no São José²⁵ e pelo fato dela tentar fazer o certo. Ela saiu, foi isso, ela estava fazendo o certo. Estava vendo jogadora em alto nível lá, quem caiu de nível foi porque eles passavam muito a mão na cabeça e acho que foi isso cara, foi tentar fazer o certo, fazer do modo certo e os caras tiraram ela, porque ela brigou pelo futebol.

S.R. - Tu teve diversas convocações para a Seleção, mas por quais outros clubes tu passou além do Foz? Saiu do Foz e foi para onde?

B.A. - A não lembro... Saí do Foz e voltei para o Rio, fiquei jogando no Botafogo, depois eu sai de novo, voltei para o Foz em 2014, já estava mais velha, quase completando 17, 16, não tinha nem idade para entrar na balada ainda... Aí joguei lá em 2014, depois sai de lá e fui em janeiro para Kindermann²⁶ onde foi o maior aprendizado da minha vida, pelo fato do Josué²⁷, o cara que faleceu, o treinador e pelo modo que foi também e tudo o que ele falou para mim, e tudo o que ele falou vem acontecendo assim sabe, tudo o que ele falou. Ele sempre apoiou a gente demais e meio que ele não era treinador ele era atleta do Kindermann masculino. Ele era o zagueiro, capitão, ele começou a fazer a faculdade, ele ia parar de jogar bola e parou de jogar bola, e o presidente chamou ele para ser treinador, porque no caso ia ser mais barato, entendeu? Um cara sem experiência e tal, ele ia pegar uma experiência com a gente, então era meio que está ali por estar, a gente não tinha muita perspectiva de que ia ganhar o Campeonato, Copa do Brasil é difícil, pega São José, pega uns times bons e o primeiro jogo da gente era o São José, aí eu falei: “Cara, Bagé²⁸, Chu²⁹, só as tops...” A gente olhou para o outro lado ele chamou a gente e pegou e falou: “Olha, pode estar a Formiga³⁰, pode estar a Marta³¹, pode estar o caralho a quatro, eu confio muito mais em vocês do que nelas, eu quero que vocês entrem lá e joguem, só quero isso, joguem bola. Do meio para frente a Byanca faz as suas “lambretas”, faz o que você quiser, chuta no gol, seja objetiva, só isso

²⁵ São José Esporte Clube.

²⁶ Sociedade Esportiva Kindermann.

²⁷ Josué Henrique Kaesher.

²⁸ Daiane Menezes Rodrigues.

²⁹ Francisleide dos Santos Barbosa.

³⁰ Miraildes Maciel Mota.

³¹ Marta Vieira da Silva.

que eu peço, perdeu a bola, volta para marcar, é isso que eu peço para você.” A gente não tinha muito tático, era mais coração ali e ai ele meio que... A gente ganhou de 3 x 0 o jogo, fora o baile, até hoje elas falam que foi por causa do campo. [risos] Chora que a gente ganhou de 3 x 0, eu nunca tinha feito um gol no São José e esse dia eu fiz e acho que foi um dia marcante assim para gente, tirou meio que um peso, porque o São José era o “topzão” e meio que a gente ganhou delas de 3 x 0, a gente não acreditava. Depois pegamos o Foz também na semifinal, primeiro jogo a gente perdeu de 1 x 0, segundo tinha... A Carioca³² estava, ficou zuando “é Carioca”, ficou zuando com a cara da gente, ficou fazendo umas palhaçadas, as mesmas palhaçada que ela fez no outro jogo e ai a gente virou o jogo e ganhamos delas de 3 x 0 em casa, passamos para a final contra o Ferrinha³³, 3 x 3. O primeiro jogo, para mim foi o melhor jogo, sabe aquele jogo que você não quer que acabe e o juiz apita... Estava muito da hora, elas faziam gol, a gente fazia gol e ficava nessa loucura, ai depois ganhamos em casa de 5 x 2 eu acho, estava lotado aquele lugar e o Josué falou: “Se a gente não for campeão eu pego esse troféu e taco lá dentro do rio.” Que tem um rio lá do lado do campo, aí ele falou que ia dar para as capivaras comer. [risos] Acho que ali foi bem marcante. Acabou ali e eu fui para o Centro Olímpico que o Arthur³⁴ me ligou, no mesmo ano em 2015. Cheguei lá na primeira semana de treino, acho que foi meu primeiro amistoso, primeiro fiz teste físico, fiz uns negócios com a barra lá, umas loucurinhas, ai no último tiro do aquecimento rasguei a coxa. Aí falei: “Meu Deus do céu, não é possível, acaba de ser campeã e vai para o Paulista³⁵” que era meu sonho jogar o Paulista, nunca tinha jogado o Paulista e rasguei a coxa, acho que foram cinco centímetros.

S.R. - Anterior ou posterior?

B.A. - Anterior. Aí fiquei com medo de dar tiro, muito “foda”, machuquei, eles continuaram do meu lado ali tentando ajudar para eu melhorar logo, mas fiquei quatro meses parada, não melhorava de jeito nenhum. Eu voltava falando que não estava com dor, mas estava com uma dorzinha, dava o tiro abria de novo, só ficava nessa, fiquei quatro meses assim, depois entrei na semifinal contra o São José para voltar assim, voltei na “pedreira”. [riso] Estávamos

³² Nome sujeito a confirmação.

³³ Associação Ferroviária de Esportes, Araraquara.

³⁴ Arthur José Ribas Elias.

³⁵ Campeonato Paulista.

perdendo o jogo e ele me colocou. Depois jogamos o Brasileiro³⁶ ele pediu para renovar, que ia ser uma parceria do Corinthians com o Audax³⁷, aí eu falei que ia renovar, renovei por um ano, joguei esse ano lá com ele em 2016, aí renovei 2017 mais pela Libertadores³⁸ e graças a Deus valeu a pena que ganhamos a Libertadores. Vim para cá a convite da Duda³⁹ e depois eu vou para casa passar o Natal [risos].

S.R. - E como foi esse ano? Porque foi cheio, não é? Vocês estão na quarta competição do ano, três pelo Corinthians e uma agora pelo Inter⁴⁰.

B.A. - A foi pesado, mas acho que valeu a pena, todas as competições a gente chegou, consegui chegar em todas: Brasileiro a gente chegou na final por um detalhe, acho que a gente não venceu e Paulista a gente chegou na semifinal. Detalhe de novo: a gente não venceu por um erro de treinador para mim, de grupo assim, o grupo em si não, mas o jeito que ele tratava o grupo. E acho que o objetivo do clube era a Libertadores e conseguimos esse objetivo que era essa Libertadores.

S.R. - Como é que foi essa Libertadores para ti?

B.A. – Foi marcante, mas ao mesmo tempo estressante, pelo fato de eu estar bem e ele dar opção para jogadora de nome e toda a vez que ele me colocou eu calei a boca dela, fiz gol, consegui aparecer e acho que isso foi importante para mim. Eu levo isso e aprendi que eu não tenho que jogar naquele time de novo. E meio que ficou nessa, ele fazendo sacanagem, aí toda vez eu entrava eu conseguia resolver, aí fui de titular em uma semifinal chega na final eu entro com quarenta e cinco do segundo... Quem entende? Nem o presidente entendeu que não quer nem vê ele pintado de ouro e tipo meio que foi isso, aí entrei para bater o pênalti e juro para você que deu vontade de chutar para fora, de propósito, mas eu erraria comigo mesma, não com ele, graças a Deus consegui fazer o pênalti, fiz o gol e a gente conseguiu ser campeã.

³⁶ Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

³⁷ Grêmio Osasco Audax.

³⁸ Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

³⁹ Eduarda Marranghello Luizelli.

⁴⁰ Sport Club Internacional.

S.R. - Que bom. Sensação...

B.A. - Dever cumprido.

S.R. - *Show* de bola. Tu já sofreu alguma dificuldade por ser mulher e jogar futebol?

B.A. - Cara, meus amigos sempre foram de boa, acho que no começo ninguém entendia porque eu estava jogando bola na rua. Acho que a maior dificuldade foi para começar, moleque entender que mulher também pode jogar, então, tinha que jogar muito para poder estar no meio deles. Mas como eu sou nova meio que o caminho estava certinho ali, para eu pegar e acho que o povo já sabia o que era futebol quando eu comecei a jogar mesmo o profissional, ai meio... Porque eu não levo isso para mim, preconceito e essas coisas, isso daí só me incentiva mais, eu nunca guardei mágoa de ninguém de ter gritado alguma coisa, nunca me atrapalhou não.

S.R. - Mas já ouviu?

B.A. - Já. “Maria chuteira”, “Sapatão”, “Mulher tinha que estar lavando louça”, “Atrás do fogão” essas coisas, mal sabem eles que eu não sei fritar nem um ovo [risos]. Acho que era mais isso, mas eu nunca levei para mim não.

S.R. - Sim. E tu já teve alguma outra atividade profissional sem ser jogar futebol?

B.A. - Atletismo, antes.

S.R. – Atletismo, lá no início... Então, hoje e em toda a tua trajetória tu se sustentou só jogando futebol?

B.A. - Me sustentei e sustentei minha família. Meio que meu pai... Meu pai e minha mãe se separaram, quando eu fui para a Seleção e aí eu tinha ajuda de custo e meu pai ficou com os quatro filhos. Eu tenho três irmãos, aí meu pai ficou com os quatro filhos e minha mãe saiu de casa, e não dava para o meu pai trabalhar. Ele tinha meu irmão de quatro anos para cuidar, eu tinha que jogar bola, ele tinha que me levar e ficou nessas, ai meu irmão mais velho é

deficiente físico, meio que ele não podia cuidar dos meus outros irmãos e na separação também mexeu com a cabeça de todo mundo. Graças a Deus com a minha mexeu, mas me incentivando, tipo: “Tenho que fazer de tudo para ajudar eles.” E meu pai largou tudo, o emprego dele tudo para viver do meu futebol e até hoje eu ajudo eles e acho que meu maior orgulho é isso: pode dizer que eu estou ajudando a minha família, o objetivo sempre foi esse e ajudo eles até hoje.

S.R. - Então, tu passou pelo Foz, foi para o Audax, pelo Corinthians... Tu chegou a conquistar algum Campeonato Brasileiro?

B.A. - Copa do Brasil.

S.R. - Copa do Brasil, certo.

B.A. - Pelo Kindermann e pelo Audax.

S.R. - Algum outro momento... Tu já falou alguns momentos que te marcaram e essa Copa do Brasil com o Kindermann foi um deles, mas algum outro que tenha te marcado como jogadora, como pessoa?

B.A. - Estar com o meu pai e ficar sabendo que fui convocada para a Seleção, acho que esse dia foi mais marcante.

S.R. - A primeira convocação?

B.A. - Primeira vez.

S.R. - Como que foi?

B.A. - Todo mundo gritando que nem louco: “Ahhh, para Seleção!” Eu falei: “Calma gente, calma!” Já nervosa, choradeira, todo mundo chorando, parecia que a gente tinha ganhado a Copa do Mundo [risos], mas acho que foi o dia mais marcante assim, vê todo mundo feliz da família, foi o dia mais legal.

S.R. - Então assim, finalizando... Se tu pudesse definir um objeto pessoal que retratasse toda a tua trajetória como jogadora. Se eu te falasse: “Byanca, eu estou montando uma exposição e eu quero deixar um objeto que te representasse naquele cantinho do museu”. Qual seria?

B.A. - Uma escada que eu tenho até hoje dentro de casa.

S.R. - O quê?

B.A. - Uma escada que eu tenho até hoje dentro de casa, foi onde eu aprendi a dar “lambreta”.

S.R. - Sério?

B.A. - Acho que isso é a coisa mais marcante, é o que eu vou tatuar em mim. Eu dando a “lambreta” na escada, acho que foi isso que me marcou, que todo mundo me conhece, acho que foi isso.

S.R. - Qual o tamanho da escada? Assim, só para...

B.A. - Ah maior que eu... Aprendi...

S.R. - Quantas “lambretas” essa escada tomou? [risos]

B.A. - Não dá para contar não. Primeiro eu fui dando de degrauzinho em degrauzinho, fui subindo, aí hoje graças a Deus eu consigo passar essa escada, aí aprendi, acho que isso é o objeto mais marcante na minha vida.

S.R. - É? Tem alguma outra coisa que tu gostaria de falar, que eu não perguntei? Que tu lembre agora.

B.A. - Não.

S.R. - Pode falar, alguma coisa que a gente não tocou...

B.A. - Acho que não.

S.R. - Ah uma coisa que eu esqueci de te perguntar... Como se deu esse processo de vinda para o Inter?

B.A. - Eu sempre senti vontade de jogar com a Tati⁴¹, a gente sempre falou dela, o tempo todo era: “Tati, Tati, Tati, Duda, Duda, Duda.” [risos] Falei: “Gente, o que está acontecendo? Quem é Tati? Quem é Duda?” [risos]. E eu já tinha conhecido a Tati lá em São Paulo ou aqui, não sei, acho que quando a gente veio jogar, ano retrasado, a Tati meio que ia ser treinadora, só que o cara não deixava ela ser treinadora. Então eu conheci ela, ela me deu muitas dicas, eu sempre quis jogar com ela, acho ela muito profissional e tal, admiro essas coisas. Aí houve um convite da Duda esse ano, a gente meio que estava indo para Libertadores, só que a gente tinha que vir para cá antes só para assinar a súmula, daí como não tem a ver com Federação a gente falou que não tinha problema nenhum. A gente veio para essa partida, ficamos no banco, depois voltamos para lá, jogamos a Libertadores, ai deu tudo certo, a gente veio para cá e é uma honra a vestir essa camisa, camisa tão grande, e acho que vai ser bom para os dois lados.

S.R. - Como é que está sendo?

B.A. - *Guria!* Estou quase uma gaúcha. Está sendo uma experiência boa, acho que o futebol aqui no Sul é bem diferente, é mais chegado, é porrada o tempo todo, acho que é bem diferente. Mas está sendo uma experiência boa, ter conhecido a Duda, a história dela, ter conhecido a Tati, por estar jogando com jogadoras experientes, estar jogando com meninas mais novas que a gente aprende também e acho que está sendo legal, uma experiência legal, espero ganhar essa final.

S.R. - Como é que foi reencontrar a Renata depois de, não sei, alguns anos?

B.A. - É encontrei ela no Kindermann... No Kindermann não, no Audax...

S.R. - Tu já tinha encontrado ela...

⁴¹ Tatiele dos Santos Silveira.

B.A. - É Audax... Ela olhou e ela fala que fica muito feliz de eu estar entre as meninas e ver que eu não bebo até hoje. Ela fala que é a maior felicidade dela, e até hoje, se eu pegar e brincar assim com a garrafa na frente dela e ela pega e me dá uns tapas, até hoje... Até hoje, eu falo: “Poxa, já estou com 22 anos.” Mas ela acha que eu sou uma garotinha ainda e para mim é gratificante, jogar do lado dela, porque era meu sonho jogar com ela. Porque eu não tinha idade para jogar naquela época, nem aguentava correr eu acho, e jogar com ela no Audax, ser campeã da Copa do Brasil com ela... Infelizmente ela não foi para a Libertadores, sacanagem também, não foi para a Libertadores, mas eu admiro muito ela, não só pela pessoa Renata, mas pela atleta também. O currículo que ela tem é incrível, 16 anos jogar uma Olimpíadas⁴² é da hora, mas acho que o respeito e a admiração vão ficar para sempre.

S.R. - Então, muito obrigada Byanca.

B.A. - De nada, foi um prazer.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴² Jogos Olímpicos.